

Esse samba tá Mara!

Minha amiga eu não consegui resistir
Em escrever esse poema inspirado
Vou tentar até não citar Shakespeare
Mas vai ser um pouco complicado

Tem tanta verdade na dor dessa hora
E faltam rimas, métricas e conjunções
A metáfora pode ser até uma bola fora
E pode gerar diversas opiniões

Aqui em Jund tá fazendo muito calor
Dizem até que é bom para matar
Esse vírus pandêmico que traz terror
Deixando tudo fora de lugar

Enquanto isso eu pensei em lhe escrever
Não pense que vou fazer rima com Romeu e Julieta
Aposto que agora está rindo a se entreter
Dizendo como esse cara é besta

Mas, Marinha, a coisa não tá mara
Eu queria muito que estivesse melhor
Então, responde e mostra a sua cara
E vamos suportar essa calamidade sem dor



Márcio Martelli





Liberdade

Ivonete Piccinato de Freitas

Liberdade

De você, não sinto mais saudade
Olho adiante e perco-me em devaneios
Os meus pensamentos agora são livres
Voam nas asas dos pássaros
Pousam e param no ar
São como as borboletas
Pousam de flor em flor

Liberdade

De você, não sinto mais saudade
Ganho a minha eterna juventude
Danço e rodopio

Ocupo todo o espaço
Solto meu canto pelo ar

Da janela avisto meu último passeio
Nos meus olhos encontro lágrimas
No meu pranto vejo um desencanto

Liberdade

De você, não sinto mais saudade

Lá esteve você, no último luar
Na última vez em que me atrevi
E resolvi me apaixonar

No último barulho do mar
Na poesia feita para amar

No derradeiro passo do meu caminhar
Liberdade

De você, não sinto mais saudade

Poema dos 'istas'

Até agora,
Desde a caverna,
Fomos egoístas,
Exclusivistas,
Machistas,
Racistas.
Doença antiga e hodierna.
Todos os istas,
Ruins.
Enfim.
De agora em diante,
O vírus nos ensina,
O quão importante,
É nosso semelhante,
É nosso diferente,
É gente, sempre gente.
O vírus isola e combina.
Eita vírus danado,
Parecemos estar isolados,
Mas juntos, pelo risco,
Até cabe um asterisco,
Vírus sim*, vírus não*,
Todo mundo é uma nação.



Carlos Thompson



Todo dia

Carlos Thompson

Hoje ou ontem?
Amanhã?
Que coisa vã,
Dormir, levantar,
Que coisa especial,
A vida normal,
Escovar os dentes,
Solenemente,
Encontrar pessoas,
Caminhar,
Viver numa boa,
Jantar.
Depois da pandemia,
Todo dia será dia,
Toda hora será hora,
Sempre será agora,
Sempre será folia.



A EMPATIA NECESSÁRIA

Julia Fernandes Heimann

Nos dias atuais, o sentimento empatia deve ser o mais usado. Não confundir empatia com simpatia. Embora os dois termos venham do grego e tenham a mesma raiz “pathia”.

No termo simpatia, usa-se o prefixo “sim” que significa junto, perto de.

No termo empatia, usa-se o termo “em” que significa estar dentro, interior.

São termos parônimos na escrita e na sonoridade, o que os leva a confundi-los.

A pessoa simpática é agradável e atenciosa – méritos louváveis – mas poderá ser evasiva/superficial quando alguém precisar dela.

A pessoa empática é solidária e compreensiva, “veste a camisa do outro”.

Nestes momentos de crise, a empatia é fundamental. Sem a capacidade de entendermos a dificuldade do outro, nos tornaremos psicopatas, onde só o nosso sofrimento importa.

Quando vemos caminhoneiros se queixando que viajam horas sem encontrar um lugar para se alimentarem, não sentimos a fome que ele sente.



Quando vemos um pai deprestar uma UPA porque o filho está febril e sem atendimento, achamos que o policial agiu certo em dar-lhe cacetadas e prendê-lo.

Quando vemos uma mãe se desesperar ao ver o filho ser preso por usar drogas, achamos que ela não soube educá-lo.

Quando vemos pessoas febris procurarem hospitais e não serem atendidas, “entendemos” os profissionais da saúde porque eles não têm os aparelhos certos para fazê-lo.

Tudo é entendido e justificado quando não é conosco!

Usando a empatia, poderíamos perguntar:

– E se isso acontecesse comigo? Qual seria a minha reação?

Precisamos sair do nosso egocentrismo, enxergar além das nossas verdades.

Neste momento crucial, usarmos a empatia será essencial. Não basta ser bonzinho e simpático!

É preferível ser menos simpático e agir em favor do outro, independente de crença ou opção política!

Acalento

A casa adormece. As pessoas estão adormecidas. Agora olham para o céu em suas sacadas e janelas e veem o que antes não tinham tempo para ver: maritacas cantando, pardais voando e namorando e pombos bicando restos no chão...

Acordam e têm tempo de ver o brilho do sol, permitindo que ele alimente seu corpo com a vitamina D.

As caminhadas são mais leves nos pequenos ambientes: na cozinha; o alimento está mais saboroso; no quarto, os lençóis mais perfumados. Na sala de estar, a música instrumental passeia por todos os espaços.

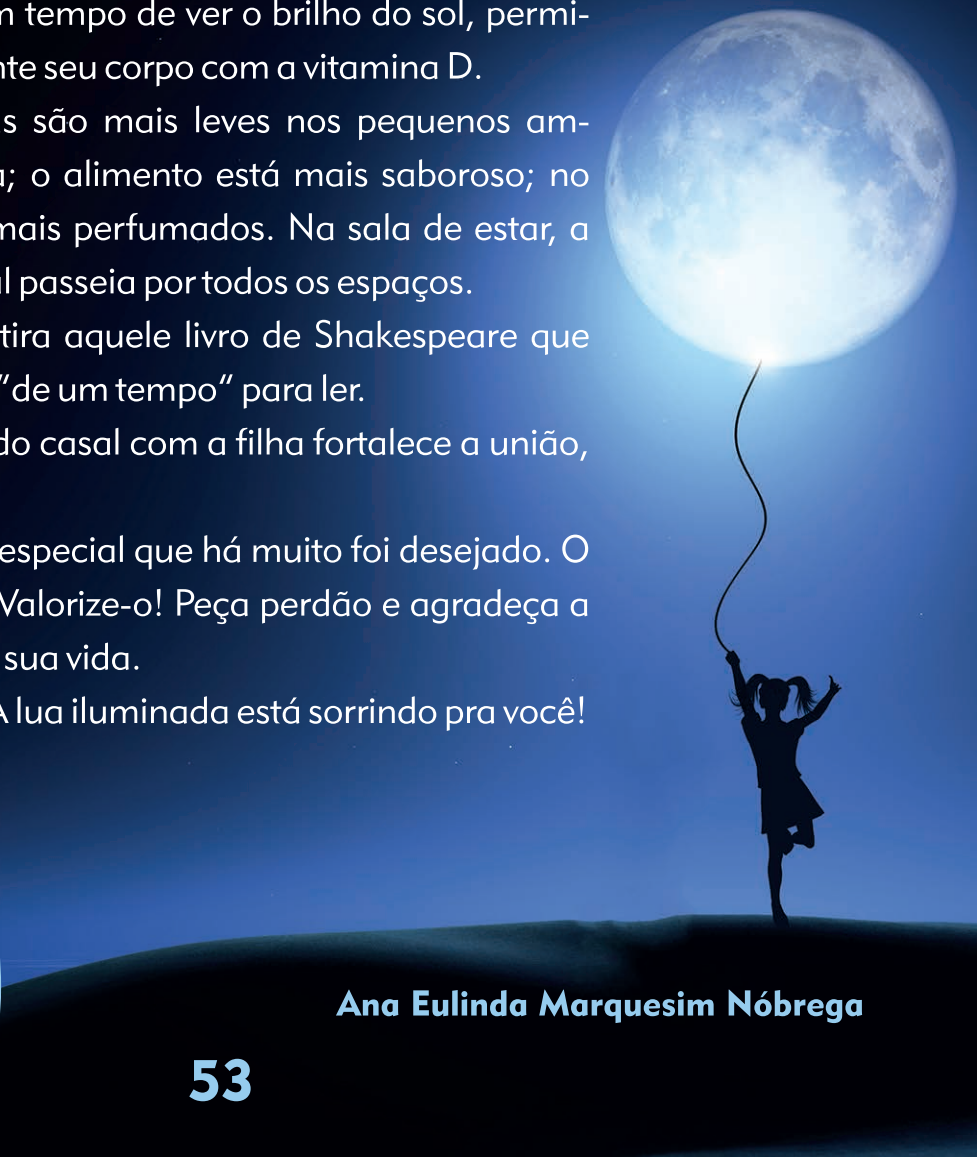
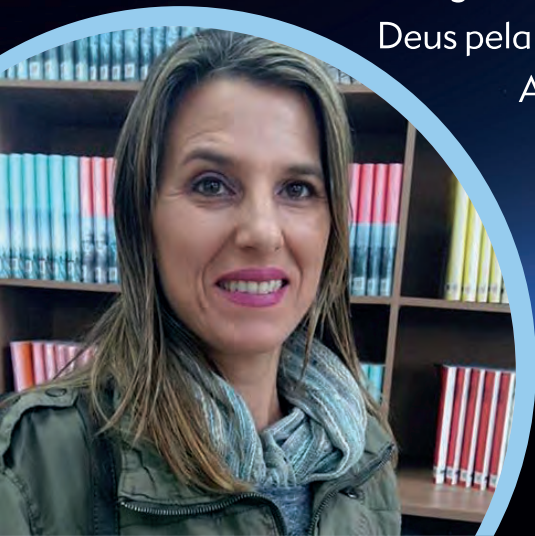
Na estante, retira aquele livro de Shakespeare que há muito precisava “de um tempo” para ler.

O aconchego do casal com a filha fortalece a união, o amor e o prazer.

Um momento especial que há muito foi desejado. O momento chegou! Valorize-o! Peça perdão e agradeça a

Deus pela sua vida.

A lua iluminada está sorrindo pra você!



Ana Eulinda Marquesim Nóbrega



Tatiana D'Angieri Galvão

Os dias eternizam-se como memórias

A noite estrelada reflete o silêncio
pálido da solidão de nossos olhares
Solidões densas
Únicas como flores distantes
Os dias eternizam-se como memórias:
longamente estendendo antigas
lembranças, frágeis e quebradiças
Ruas cinzentas e rostos vazios
Mas tímidos sorrisos revelam-se
ao fitar o fim de tarde por sobre
a cortina esvoaçante
Fitando árvores e paisagens desertas
Delicadamente arquitetando recordações

Equilíbrio

Sempre olhei o mundo com olhos artísticos; será que olhei direito?

Será que estou agindo errado em viver assim... Intensamente; aproveitando cada segundo daquele filme que assisti mil vezes, daquela caneca de café, daquele quentinho gostoso do edredom pela manhã.

Penso no cheirinho de preguiça dele quando acorda!

Será que vou ver novamente seus olhos inchados de sono?

Seu nariz irritado de manhã e quando cai a noite?

Será que nossas plantas vão ficar sobre a mesma janela?

Será que todo esse equilíbrio emocional tão gratificante que fui presenteada, foi proposital para que o seu amadurecimento também acontecesse?

Agradeço pela reflexão, pelo olhar de dentro, pelo brilho no espelho.

Sobre esse abrigo enorme e vazio, descanso minha mente, dela explodem boas energias ao universo carente de cuidado.

Gratidão!

Dou graças pela vida, pelo carinho e o amor.

Que haja luz no obscuro do espírito.

E o doente do ser!

Alma leve para um novo universo.

Evelyn de Assis



Pela manhã

Renata Iacovino

Da minha gaiola vejo uma rede, um banco vazio... Na praça interna, vista de minha varanda, o vento solitário passeia sutil de um lado a outro. Não espalha folhas, não assovia, não traz o calor... apenas existe.

Todos os dias olho essa rede, esse chão, esse banco, no entanto, nunca os enxerguei assim... Estariam solitários, devido ao silêncio imprevisto?

Alguém abre um portão de casa ali à frente, outro chuta uma bola em seu quintal, sem interagir com ninguém. O cachorro late, ao que o outro responde.

A audição torna-se aguçada, detalhes de sons jamais percebidos fazem-me agora mais atenta.

“Atenção plena”, é para isto que treino o tempo todo e, de repente, tudo vem à mão...

A máquina de levar me chama, a gata pede atenção, sento-me em *zazen*, faço uma leitura, trabalho em *home office* exaustivamente... E a tudo consigo prestar atenção. Empresto minha presença quase de forma absoluta, não fossem as notícias que, sem tréguas, não param de chegar via celular, deixando-me ora apreensiva, ora esperançosa...

Lembro-me de que acordei e não comi nada, somente um café puro. Sou dona deste tempo, vou administrando-o dentro de minha casa... dentro de mim.

Vou até a cozinha preparar um desjejum.



Foto: Renata Iacovino / Vilma Maura

Coisas do vento e da solidão

Marcos Gimenes Salun

Haverá horas em que você precisará de alguma reclusão para sobreviver. Vai ser só você e tua clausura. E talvez algum sussurro da brisa que penetre pelas janelas de teu ser. No mais, será apenas o silêncio da tua alma. Todo pensamento será indigente nessa hora. Vagará sem rumo e medroso, como se em toda fresta do reboco da parede de teu templo inconcluso houvesse o pior dos monstros, faminto e à espreita para te devorar. Mas o medo dessa fósmea insana será uma questão de tempo, pois certamente chegará aquele sopro mais forte que fará remexer a poeira de teus dias, derrubar teus utensílios inúteis, bater as folhas de todas as portas e janelas entreabertas em tua vida. Você então despertará da letargia, se espreguiçará e talvez até se assuste um pouco, sem saber exatamente onde está. Mas logo tomará de novo o prumo, o esquadro, o compasso, a régua, a alavanca, o maço e o cinzel, instrumentos de tua existência, e voltará ao trabalho eterno. E tudo voltará a ser justo e perfeito novamente. Que assim seja!



O último andar

Ana Cláudia Rêgo

Ao abrir a janela que dá pra rua, vi a imagem fugaz de alguém montado numa bicicleta, passando tão rapidamente que não deu pra ver se era homem ou mulher.

As ruas estavam vazias há três semanas, e o fato de ver alguém naquela circunstância, me animou. Atendíamos a um pedido formal do governador para que ficássemos retidos em casa. No meu prédio, dos doze apartamentos, pelo menos dez inquilinos já passavam dos setenta anos. Um predinho com poucos andares, sem elevador, construído na década de sessenta, com aquele jeito de coisa *vintage*. Estava fincado no meio de um dos bairros da zona sul da metrópole paulistana; constrangido entre torres altíssimas e modernas, preservando uma atmosfera distinta num pedaço de tempo estancado. Os vizinhos, desde então, contrariando as recomendações vigentes de se primar pela circulação do ar, raramente abriam as janelinhas de madeira, pintadas de branco.

A moradora do último andar, uma senhora de noventa e seis anos, já não recebia em domicílio o fisioterapeuta bem humorado das segundas e sextas-feiras. Por ali todos sabiam que no ano passado, devido a um acidente vascular cerebral, perdeu os sentidos e foi socorrida por dois jovens estudantes de medicina que alugavam um dos apartamentos naquele mesmo ano. Uma rota de colisão impedida pela sorte que jamais se repetiria.

A velha sobreviveu. E quando digo – velha, não há nisso falta de decoro. Existe uma chance de que ocorra comigo. Trata-se de alguém visivelmente gasta, sob todos os ângulos e aspectos da natureza. Uma alma presa ao corpo por um laço tênue de exatidão de uma dessas teimosias da vida. Contudo, ela não ousava mais abrir a porta de seu apartamento para ninguém. O zelador, com o rosto coberto pela mesma máscara cirúrgica usada há vários dias, encarregou-se de supri-la, assim como a outros moradores, com pequenas compras no mercado, feitas sob a estratégia de listas escritas em bilhetinhos deslizados junto com algum dinheiro, por debaixo da porta. Mais tarde ele retornaria com as compras, potes de álcool gel e marmitex exalando o cheiro de comida pelas escadas do prédio. Entre os residentes havia também a vizinha japonesa que para os demais, passara desde então, a ser uma chinesa disfarçada, que trazia consigo o espólio de algum vírus estranho em seu DNA mais profundo.

O medo, já instalado, percorria corredores, escadarias e lavanderias que davam para um fosso do qual se ouvia conversas entrecortadas pelo barulho de televisões ligadas ininterruptamente. E foi depois das últimas notícias vindas da Itália que o recolhimento aconteceu sem concessões. Por lá, o irrefreável vírus, vindo da China, contabilizava centena de óbitos, espalhando-se pelos continentes como bolinhas de gude lançadas ao chão, com uma atração funesta por idosos.

Os dias passam, amigos, filhos e netos se mantêm distantes em suas próprias casas, contendo abraços e beijos ameaçadores. A despensa evapora, o dinheiro míngua; e cada vez mais o tempo desempenha o percurso desafiador de nos levar do prazer intocável da paz devidamente controlada, à angustia profunda e irrequieta de que alguma coisa lá fora esteja sendo desperdiçada sob a luz oblíqua do sol de outono. Na cama, olho para o lado e observo o ronco do marido que deu pra dormir todas as tardes depois de ter trabalhado em casa e

verificado as notícias do dia vindas da internet e dos telejornais. Há um gato enroscado em seus pés, e nenhum de nós sabe se em breve ainda haverá emprego e salário.

Dizem que as águas do Tietê ficarão mais claras, e pássaros de uma raridade assombrosa voarão pousando de galho em galho em meio ao silêncio cauteloso da metrópole embargada, interrompendo o fluxo doloroso da ira, das exigências do corpo, do capital e do ego.

As fábricas de televisão estão paralisadas. As de automóveis também. Por isso, meu deleite em ver uma bicicleta voadora sumir no asfalto. Por isso, pensar que na casa dos cinquenta não estou cansada o suficiente para abraçar a morte, tampouco jovem demais para planejar um futuro extraordinário. Não estou sequer no meio do caminho, pois não conheço ninguém com mais de cem anos. Dito isso, jogo a máscara cirúrgica no lixo, visto o capacete e pego a bicicleta, novinha, comprada pela internet e entregue no hall do prédio por um funcionário reticente em me dar a própria caneta para que eu assinasse o recibo. Ajeito a mochila nas costas, empurro a bicicleta, abro o portão, e antes que eu saia pedalando sem data e nem hora pra voltar, ao erguer a cabeça de relance, vejo uma mecha de cabelos grisalhos – um olho de horror a me espiar entre as venezianas da janela entreaberta do último andar.



Haicai



Ah... há de haver luz -
Brilho nos pingos da chuva
Estrelas... luzeiro...

Renata Iacovino

Confinamento

Flavia Cunha

Estamos confinados
Por uma justa causa
Que é sobreviver

Para contraí-lo
Ou só transportá-lo
É só se descuidar

Liberdade tolhida
Vontade de sair
E de amigos rever

Seja consciente
Do que sua indiferença
Pode lhe causar

A hora não é boa
O Covid-19
Nos espera lá fora

Quer perder amigos
Ou alguém da família
Por não se isolar?

Um espirro, uma tosse
Um abraço apertado
De alguém contaminado

Quer ser um vetor
De um vírus perigoso
Pronto a nos atacar?

Pode ser o momento
De um contágio direto
Muito indesejado

Faça tudo certo
E em sua memória
Desse confinamento

Seja prudente
Siga as instruções
Pense nos demais

Não haverá remorso
Porque fez tudo certo
No exato momento

Não facilite
Porque o vírus é forte
Forte até demais!



Não foi, mas poderia ter sido

Ligia Wild

Meados de março de 2020. Isolamento recomendado, mas nem sempre possível. Tempo de medo. Parecemos coadjuvantes de filmes de terror, desses que, pensávamos que só existiam no imaginário de escritores e cineastas.

E, pensando nos últimos filmes a que assisti – buscando alento e encontrando novos medos: *Contágio* e *Epidemia*, – procuro, na fila do metrô onde me encontro, dar um espaço maior que o recomendado entre os que estão próximos.

Temo esse inimigo invisível, silencioso e extremamente rápido. Esse inimigo para o qual ainda não temos armas para combater e que, cruel e vorazmente, exige que nos afastemos dos amigos e parentes, que fiquemos em solidão e não em solitude.

Enquanto assim divago, sinto uma força me chamando. Não há som, só uma energia. Olho para trás e alguém me observa.

Quando nossos olhares se cruzam, seus olhos se iluminam com uma luz que nunca havia visto; um brilho de cumplicidade, de reconhecimento, de admiração, de desejo amoroso e terno, não de assédio.

Uma luz que me arrebatou. Sorri em reconhecimento e tentei dar um passo atrás, enquanto ele, inutilmente, tentava se adiantar.

Teria sido um encontro memorável se a multidão não nos tivesse afastado. Empurrada para dentro do trem, acenei e fui correspondida, da plataforma, com um triste e perdido olhar. O que poderia ter sido não foi, no tempo e nas circunstâncias do Covid-19.



VIVER... QUASE PERMANENTEMENTE EM CASA! UMA EXPERIÊNCIA QUE VAI FICAR NA MEMÓRIA!

JORGE TRIGO

A força, o poder, a perigosidade de um vírus, o Covid-19, foi, e é nesta data em que escrevo, tão grande que obriga por todo o mundo as pessoas conscientes, responsáveis, cumpridoras, disciplinadas e solidárias a ficar em casa, confinadas, para bem de todos.

Eu fui e continuo a ser um deles. E esta nova experiência a que fui obrigado proporcionou-me situações muito interessantes, novas, curiosas e surpreendentes.

Aqui, na minha casa situada em Agualva, concelho de Sintra, Portugal, voltei a dedicar-me à pintura, desta vez a óleo. Tenho quase todos os dias destinado uma parte do tempo a essa ocupação. Tem-me dado muita satisfação!

Livros não faltam. É um prazer a leitura! Passei também a ser muitas vezes cozinheiro, o Chefe Jorge. Aprendo todos os dias e não tenho dúvidas de que cozinhar bem é uma Arte!

Minha esposa ficou com o meu filho, a minha nora, o meu neto e a mãe e o avô da minha nora a cerca de 100 km de distância do local onde me encontro e eu fiquei com a minha filha em casa para darmos assistência quando, e



se necessário, a meus pais que moram a cerca de 2 Km de distância. Fazem-nos companhia, uma cadela – a Stela, 2 canários, dois pássaros exóticos, dois periquitos e um coelho – o Pipoca!

Comecei a deitar-me mais cedo e a acordar por volta das 6h30m com o cantar estridente do canário amarelo. Fui verificar e na verdade a hora tem coincidido com o nascer do sol. Interessante! Mas esse meu amiguinho canário tem-me impedido, várias vezes de dormir mais. Há dias “troquei-lhe as voltas”. Baixei a persiana de tal forma que nessa manhã consegui dormir até mais tarde. A escuridão deve ter enganado o canário. Se cantou, não dei por isso. E digo-vos que ele é um excelente cantor!

A Stela, a cadelita, é uma “paz de alma”! Só se irrita de vez em quando porque o Pipoca, o coelho, não a larga. Anda sempre atrás dela. Quanto aos periquitos... é um namoro pegado! Beijinhos e mais beijinhos.

E em casa há sempre tanto, mas tanto que fazer! E o tempo nunca chega para tudo!

Continuemos confinados enquanto for necessário. É por uma boa causa! Depois, quando for possível, será tão bom, mas tão bom os reencontros!

Texto mantido no seu original com o Português falado e escrito de Portugal.



UMA IDOSA EM QUARENTENA

©Thaty Marcondes

Outro dia, vendo o noticiário da TV, de repente, tive a sensação de que o que eu assistia não era real, mas, sim, um roteiro barato de filme de ficção científica. E aí fiquei pensando: quem poderia nos defender, sem ser o Chapolin Colorado que, se vivo o fosse, estaria na faixa de risco mais alta dessa pandemia inoportuna, além de usar roupa vermelha, o que seria motivo de rechaçamento público entre algumas (baixas) esferas da sociedade brasileira (principalmente as do poder público)?!?

Cara, que zorra é essa?!? “O que é que há, velhinho?” – diria o coelho que, pelo jeito, não dará as caras na próxima Páscoa.

Como estou na faixa de risco, por ser fumante e estar acima dos 60 anos, resolvi me colocar de quarentena, isso cerca de uns dez ou doze dias antes do governo do estado de São Paulo decretar a quarentena oficial, devido a um leve resfriado. Não tive febre ou falta de ar e, ao contrário do que acontece com os acometidos pela praga coroada (grande porcaria: coroa nela, só se for de flores, pra saudar os eliminados tragicamente!), os sintomas foram melhorando.

Dias antes do decreto oficial de quarentena, como houvesse melhorado, saí timidamente e fui às compras. Supermercado. Movimento moderado, comprei o básico: água, sucos, arroz, feijão, óleo, azeite, farinhas e farofas, pães, queijo (um luxo, hoje em dia!), cebola, alho, frutas, verduras e legumes. O cálculo é que a quantidade comprada (e o montante pago!) deveria ser suficiente pra 15 dias, aproximadamente, exceção aos alimentos frescos. No mesmo dia comecei a manusear verduras e legumes, pra que não

estragassem, cozinhando e congelando. Ledo engano: o que deveria durar 15 dias não deu pra uma semana. Eu ia fazendo e comendo, tamanha ansiedade. O freezer não viu necas de pitibiribas do que cozinhei – continuava farto: farta tudo.

Então resolvemos, meu filho único (que mora junto comigo) e eu, que ele iria às compras. Aí entrei em outro tipo de filme: de guerra! Imaginei um cenário de cidade quase destruída, inimigos à espreita, ele fardado, prestando atenção em todos à sua volta, como se o tal vírus (diminuto em tamanho, invisível pros nossos olhos nus, no entanto, ferrenho e às vezes mortal), fosse atacá-lo frontalmente, ferindo-o, maculando sua integridade física. E assim foi, até semana passada, quando resolvemos que ninguém mais sai daqui, pois, quando ele voltava (olhem o cérebro da gente a quantas anda) eu ia verificar se ele estava inteiro, se tinha passado álcool gel, limpado as compras – maluquinha e neurótica de pedra.

Por fim, lembrei do filme (e do livro, claro!) *Ensaio Sobre a Cegueira*... Mundo, mundo... Como vamos sair dessa, seres humanoides? Não, o mundo não será o mesmo! Havemos de mudar atitudes, prestar atenção em como nosso planeta com apenas alguns dias de confinamento livre de nós, aos poucos se recupera. Nós somos os vírus letais à integridade e à vida plena da Terra. Causamos tantos danos, atrás de uma felicidade ilusória, atrás de “ter” ao invés de “ser” em harmonia com a natureza.

Pra desestressar, faz alguns dias que fico zanzando pelo Face, Instagram, Zap. Descobri que existe bom humor até mesmo dentro das grandes tragédias. Descobri que ainda conseguimos rir de nós mesmos, da enrascada onde nos metemos.

Como e quando sairemos dessa? Acho que só Gaia pode responder...



Traslado

Mara Lúcia Biancardi

senti a
sensação
do perigo
do planeta

muita dor
desespero
holocausto

e uma luz
bem translúcida
bem ali

corpos sós
mãos curando
corações afetados

e uma luz
bem ali

desmaiei

depois de
vários tempos
assim que
acordei
vi que o mundo
era outro





A Metáfora do estojo

Camila Fernandes de Freitas Rosalem

Era uma turma de iniciantes. O prédio, recheado de paredes e mobílias desgastadas pelo tempo, mas disfarçada entre quadros e cartazes que ecoavam movimentos de interação. Infantes com uniformes alvos, cabelos alvoraçados pela agitação fervente da idade, outras nem tanto.

Em meio a mais igual das desigualdades, forçada pela implantação de padrões de materiais e uniformes, tudo o que se sabia era que todos tinham estojos. Nele, o reflexo da dedicação de suas famílias. Enquanto uns recheados pelo trabalho árduo, outros, vazios. Vazios no sentido literal da palavra. Vazio de afeto, vazio de atenção, vazio de consideração. Entre os barulhos diversos, o que chamou a atenção foi um silêncio gritante.

Na calada dos intervalos, a sorrateira ação ocorria. Ora, como se ninguém por ali estivesse a observar, objetos das mais diferentes naturezas, faziam-se desaparecer. Borrachas, colas, lápis, atividades. Pasmem. Até mesmo dispositivos ópticos. Julgamentos de juízo e valores, talvez tenham soado dentre os corredores, nos ouvidos internos da alma. Mas, não foram eles que foram capazes de imobilizar a ação. Foi necessário investigar os motivos pelos quais tal situação ocorrera.

Foi assim que a transformação começou. Tomada pela fúria-compaixão, sim, ela, aquela que tudo sabe e tudo vê, entrou em ação. Os olhares atentos de quem dedica seus dias a modificar o mundo por onde passa, observou as mãos trêmulas e os olhos distantes de amor, que praticava os atos. Infelizmente, apenas confirmou o que se sabia, ou pensava o que não sabia.

Estava confirmada. A menina franzina, de semblante entristecido e olhar penetrante, na ânsia de sua amargura, na tentativa de um pedido de socorro, subtraía os pertences alheios, pelo simples fato de querer ter aquilo que, de alguma forma também lhe pertencia, mas não lhe era permitido desfrutar. Não bastava a ela ter um. Queria mais. Com medo da perda subjetiva, necessitava acumular. Não que fosse cuidar, mas no sentimento de posse. Pertencimento, talvez.

A situação estava posta. Mas, como resolver? A maestrina com sabedoria regia a ópera. Previu, que com o simples preenchimento do vazio estabelecido, o silêncio pelo ruído, a troca de olhares, mudaria a partitura já escrita. Aquele estojo, antes desprovido de materiais, fora completado com diferentes cores e sabores. Sabores de ternura, de afeto, de empatia, de respeito ao próximo, da firmeza orientada e do justo posto em prática. Ali, não se tratava de assistencialismo, mas de humanidade perante a vida que se constrói. E se o legado a ser deixado é para transformar pessoas, construir com elas sua história, esse aqui jaz. Eis a metáfora do estojo, eis a metáfora da vida.



Momento de reflexão

Cláudia Alencar

Lendo os comentários das reportagens do Corona concluo que alguns brasileiros, pois não são todos, preferem acreditar em histórias inventadas, fala seciosas, criadas para gerar conflito e ódio, do que ver a realidade que está explícita. Acreditam no Kit Gay, mas não acreditam no vírus e na contaminação. É incrível! Ao pensar que muitos estudaram e frequentaram universidades, me leva a crer que a leitura não faz do sujeito um ser melhor e muito menos instruído. Dentre as pessoas que estão duvidando desse vírus, e do poder que ele tem de contaminação, estão advogados, administradores, médicos (sim, já vi alguns médicos duvidando), professores, engenheiros. Enfim, pessoas que a gente espera que saiba ler e interpretar, que consiga compreender a dimensão do problema, mas que, ao contrário, estão incentivando o fim da quarentena. Por outro lado, vejo pessoas simples, que não estudaram tanto, que demonstram ser mais lúcidas e sábias. Além disso, se observarmos as atitudes dessas pessoas descrentes, vemos o ódio que demonstram e vomitam, em palavras ácidas, contra os seus semelhantes e todo o resto do mundo. É possível explicar de modo racional esse fenômeno que está ocorrendo? Será que no decorrer da evolução da nossa espécie humana, deixamos de lado a empatia, a tolerância e a solidariedade? Talvez a natureza seja sábia e esteja fazendo uma limpeza. Tipo um "Sodoma e Gomorra". Muitos perderão suas vidas, muitos sofrerão com a perda de seus amados pais, filhos, tios e primos, amigos. Serão muitos óbitos que nunca saberemos ao certo se foi o vírus ou uma "pneumonia". Mas o sofrimento

dessas pessoas será grande. Fico imaginando como é saber que seu pai ou sua mãe, ou seu filho está confinado, isolado, entubado, sofrendo, e não poder fazer nada a não ser esperar. E essa espera, segundo o que estamos vendo, é rápida, mas é sofrida. Caixaão lacrado, 10 minutos para despedida. Nada de poder pegar na mão do seu morto, nem de dizer o quanto o amava antes de partir, nem de pedir perdão. Não dá tempo. O fim é de dor, para quem vai e para quem fica. Não estamos em um momento propício a pensar no outro, pois, isolados, estamos cada um por sua própria conta, tentando sobreviver. Mas é nesse momento que temos que nos unir e começar a sentir a dor do outro, de pedir mais tolerância, mais empatia. Aos meus amigos, aos meus pais, irmãs, sobrinhas e sobrinhos, tios e tias, primos, conhecidos apenas, sejamos lúcidos e tolerantes. Tentemos nos colocar no lugar daqueles que estão sofrendo nesse momento, não sejamos egoístas a pensar apenas em nossos umbigos, no nosso trabalho, no nosso lucro. As perdas são reais, são fato. Todos nós perderemos. A humanidade está perdendo. Agora é a hora de estarmos unidos em pensamentos de luz. Vamos ficar em casa e esperar que isso passe. Talvez nunca mais consigamos ser o que já fomos. Talvez nem estejamos aqui na próxima semana para dar bom dia, boa tarde ou boa noite.

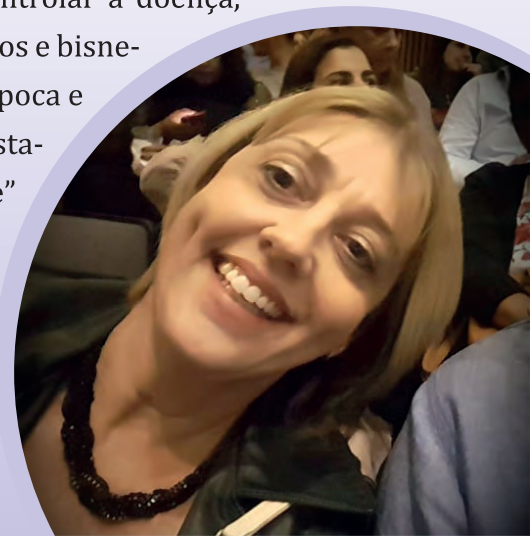


Recolhimento produtivo

Susana Bueno de Souza

Estamos há alguns dias vivendo um evento novo na vida da maioria das pessoas, o de ficarmos em casa em período integral. Mas não estamos de férias (eu não estou!). Estamos, em nossa maioria, atuando à distância. Cada área profissional encontrando formas de se adaptar a esse momento histórico. Se alguém tinha o desejo de estar presente em algum evento que foi considerado Histórico, comunico que estamos passando por ele. Daqui a algumas décadas, netos e bisnetos vão estudar sobre as mudanças que a sociedade teve após essa situação de globalização de um vírus. Estudamos (digo por mim, que tenho 50 anos) sobre a peste negra, gripe espanhola, varíola, mas não vivenciamos nenhuma dessas “pestes dizimadoras da humanidade”. Agora, num mundo totalmente tecnológico, asséptico, vacinado, esterilizado, higienizado..., descobrimos que, mesmo com todos esses recursos, houve algo microscópico que invadiu países em maior ou menor escala e vem causando grandes perdas humanas. A solução encontrada não está em nenhuma tecnologia nova, nenhum produto higienizador mágico, ou solução inovadora. A possibilidade de controle está numa mudança de comportamento social. Num mundo onde ficar em casa já não era valorizado, onde a velocidade de cumprirmos agendas e passarmos o dia inteiro fora, indo a diversos locais, às vezes a quilômetros de distância, estando semanalmente mais horas em nossos ambientes de trabalho do que em nossa casa onde, em muitos casos, o convívio familiar se dava mais pelas conversas eletrônicas do que olho no olho, que sentar à mesa com todos juntos (no caso de famílias maiores, principalmente) era motivo de grande brinde. O mundo está descobrindo que é possível suportar o silêncio das paredes, trabalhar num ritmo diferente, e que o confinamento doméstico não precisa ser visto como um limitador, mas talvez uma chance de descobrirmos habilidades e novas formas de nos relacionarmos com o trabalho e com a nossa casa. Num mundo que vinha confundindo a cada dia FATO X OPINIÃO X CRENÇA, desconsiderando a ciência em pró de “ideias e crenças”, colocando em cheque fatos há centenas de anos firmados, desprezando descobertas que tantas vidas já salvaram, como o uso de vacinas, estamos ouvindo um pouco mais a ciência novamente,

dando razão às medidas básicas de imunização, reforçando o conceito de que a busca no conhecimento científico é a única grande arma que temos frente ao microscópico vírus. Temos assistido uma avalanche de informações desconexas e irresponsáveis em alguns momentos, confrontando com dados que jogam por terra as tolices e os “achismos”, ou como diz uma sábia professora minha, “ideia de estimação” pois, já diz o ditado popular/acadêmico, “contra DADOS não há argumentos.” Sou por natureza uma pessoa otimista, realista, ou seja, procuro sempre me nutrir de pensamentos e ações que considero positivas, mas não mágicas, que sirva de aprendizado para que as situações ruins, tristes, de grandes perdas e enormes fracassos, não me sucumbam, mas tragam a possibilidade de aprender algo novo, algo que me traga reais possibilidades de levantar e continuar vivendo, produzindo e descobrindo forças que jamais acreditava possuir. O nome disso, dizem os psicólogos, é **Resiliência**. Prefiro dizer que, na vida, temos que aprender a fazer limonada de várias formas, pois o que não falta são limões para nos surpreender. Aproveitemos esse momento de recolhimento e, dentro das possibilidades de cada um, façamos uma boa higiene mental, pois essa é a primeira condição para que entre algo novo e criativo. De resto... lavem bem as mãos com água e sabão, mantenham sua casa limpa, arejada e, para quem está conseguindo trabalhar em esquema de *Home Office*, não relaxe sua aparência, organize o seu dia entre as tarefas domésticas e seu trabalho externo, reserve alguns momentos para descansar a mente de informações, encontre alegria em pequenos prazeres, como cuidar de um jardim, organizar aquele armário que há tempos grita por uma higiene real, desentulhar coisas paradas nos guarda-roupas. Aprenda algo novo e assim conseguiremos superar e controlar a doença, reduzir o número de mortos e, daqui a algumas décadas, nossos netos e bisnetos poderão dizer: “Foi graças às boas ideias das pessoas daquela época e da consciência social de se confinarem dentro de suas casas que estamos aqui estudando esse tema que tanto ensinou à nossa sociedade”
Faça sua parte!! Fique em casa!!



Entre o devaneio e a realidade

Eliana Craveiro

Por pura consciência, estamos num confinamento social, diga-se de passagem, correto no ponto de vista ético, memorável marco da história mundial.

Mas vamos ao bom humor da história, onde ficar em casa pode ser produtivo, alegre, e deixar fluir boas energias, porque é disso que o mundo precisa!

Acordar de bom humor, pensar mais em si, sem ser egoísta... tomar um bom café, e ter tempo pra cabeça fazer nada, assim ela produz muito! Pode apostar! Cabeça vazia é produtiva sim! Imagina sonhos, viaja por todos caminhos, tem tempo para colorir sua história e arrancar as aranhas e teias do passado.

Dormir até perder o sono, levantar e sorrir pra você e rir de você essa é a graça! Boa experiência, deixar do lado de fora tudo que não serve, fazer tudo aquilo que antes reclamava não ter tempo.

Andar de pijama pela casa, ou colocar seu melhor vestido, já que tudo lhe é permitido, arrumar gavetas e ler mensagens antigas, guardadas com tanto carinho. Procurar aquilo que não se vê faz tempo, ou abraçar uma foto, quanta lembrança! Lembrança boa, não saudosismo! O que passou, passou, simples assim!

Dias se vão... mas, que importa, tenho tantos outros pela frente, a agora revigorada, com muita energia, completo o quebra-cabeça que achei a peça, pois não há pressa alguma, o mundo lá fora faz sua parte e você contribui com o todo, com o melhor que você pode ser, e tenha certeza! Você merece sua melhor versão!

As outras pessoas por carinho e respeito estão em casa! Respeitando-me e amando-me cada dia mais, pois, o profundo respeito que tenho por mim, fala todos os dias, fique em casa, curta seu canto, regue suas flores e cuide de seu jardim, ofereça boas palavras aos amigos e familiares, ame seu cachorro, e olhe para o céu todos os dias, dê seu melhor sorriso ao Criador, ele espera por isso! Assim como você espera também por ele ser amada.

Ao findar de mais um dia, quanta alegria ver o sol se pôr, para dar lugar ao brilho das estrelas e nelas saber que o amanhã está próximo, e com certeza será um dia de grandes realizações, pois o futuro mora lá, e é lá que eu vou estar.



O fim

André Argollo

Não há mais nada a dizer,
Nem mais um gemido,
Um lamento sequer,
O fim está aí para quem queira ver.

Não há mais do que se reclamar.
Chega de choro, e desculpas,
Nada de aliviar sua incompetência,
O fim chegou – paciência!

Não há mais o que se fazer,
Não tem como remediar
Pois remendos e ajustes não vão resolver,
O fim traz consigo uma frieza de lascar.

Não há mais caminhos a seguir,
Não adianta tentar enxergar, discutir,
A conclusão leva à crença de que
O fim chegou para nos redimir.

Não há mais o que se esperar,
Nenhum milagre, redenção ou magia,
Nem uma bênção ou pajelança em desatino.
O fim absoluto não nos altera o destino.



Diante dele

Jocely Rodrigues Nadal

De repente, mudanças de hábitos! Os de higiene, de alimentação, de visitação, de trabalhos, de rezar, de ouvir e aprender mais.

Lista enorme, essa das mudanças!

No momento, estamos vivenciando uma guerra cujo inimigo não podemos ver, simplesmente senti-lo ou sucumbirmos por conta dele.

Identificado pelas lentes microscópicas, ele ali estava implacável, resistente, ameaçador, persistente:

Coronavírus! Causador da Covid-19!

Diante dele, nosso planeta ficou vulnerável.

Diante dele, ficamos restritos à liberdade de ir e vir, do convívio mais aproximado de quem amamos e daqueles aos quais nos relacionamos socialmente.

Vidas foram ceifadas! Milhares!

Confinados por conta das incertezas e para nos protegermos, muitas vezes nos entristecemos.

O medo nos aflige, temos a sensação de que a qualquer momento esse inimigo vai nos emboscar.

Estamos desprotegidos!

Impotente diante da anunciada pandemia, recorro às preces, na certeza de que o Criador derrame sobre a Humanidade, chuva de bênçãos a nos proteger contra essa calamidade.

Cuidemo-nos, para que quando tudo isso passar, estejamos fortes e mais conscientes para um lindo recomeçar!



Antes que o mundo se acabe

André Argollo

Antes que o Mundo se acabe,
Eu quero dizer umas palavras
De otimismo que não nos menoscabe,
Capazes de contaminar – quem sabe?

– Antes que o mundo se acabe...

Palavras que elevem o pensamento
A um patamar idílico, mítico, glorioso,
Que pacifiquem as águas, acalmem o vento
E constituam um cenário límpido, auspicioso.

– A todos, um fim do mundo maravilhoso!

Umas palavras a quem possa refletir,
interpretar, compreender, discutir...
Uma boa conversa com quem sabe conversar
E deixar acontecer, deixar fluir e se encantar.

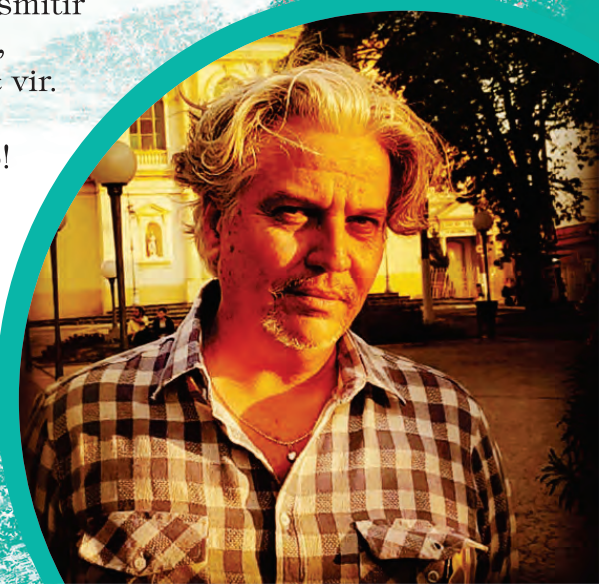
– É isso, um fim dos tempos de se admirar!

Palavras que floresçam no texto do poeta bissexto,
Que permitam transcender – contagiar, transmitir
Os princípios mais apropriados ao contexto,
Vacina contra o isolamento que proíbe o ir e vir.

– Apocalipse já, ou o vírus é só um pretexto!

Palavras sublimes – não que eu me gabe –
E apropriadas ao momento – é o que cabe!
Capazes de enternecer quem se vê no caos
E dignifique quem as leia ou silabe...

– Antes que o mundo se acabe.



Entardecer

Está escurecendo.
O céu cinza, o vento e os trovões anunciam o mau tempo.
O fim de tarde está sombrio.
Saio na varanda para ver como ela está.
Deitada, ofegante, triste.
Sabe que o tempo é curto.
Que não vai mais brincar, correr, vibrar.
Será a última noite?
O trovejar aperta ainda mais nossos corações.
O choro me vem involuntário.
Tanto tempo, tantas lembranças.
Ela está indo. Bem agora...
Quem vai ficar?
Quanto tempo?
Acendo uma vela no altar do meu São Francisco.
Está escurecendo mais...
No céu e no véu
Que esconde o amanhã.
Agora, nesse entardecer.



Maria Teresa Sponchiado

Sobre o ato de sorrir

André Argollo

Acabo de intuir

Que o simples ato de sorrir

Desinfeta o que de mal paira no ar...

Não adianta contar até três, inspirar e depois soprar

Pois a casa em que há sorriso resiste ao sopro do pesar.

Acabo de refletir

Sobre o simples fato de intuir

Que o mal que paira no ar se desinfeta com o sorrir...

Não adianta bater, eu não deixo você entrar

Nas Casas Pernambucanas – onde só se faz dançar e cantar.

Acabo de concluir

Que o simples desacato de sorrir

Compromete quem, de mal, respira o que paira

No ar... a nova novela das oito... você lamenta mas sorri,

Só um instante – *repeat after me: you're sorry but can smile.*

Acabo de sentir

Que o momento é de refletir

Sobre o que me faz intuir que sorrir

É mesmo o melhor remédio – o que se leva desta vida

É o amor que a gente tem pra dar e vender... adeus ano velho!

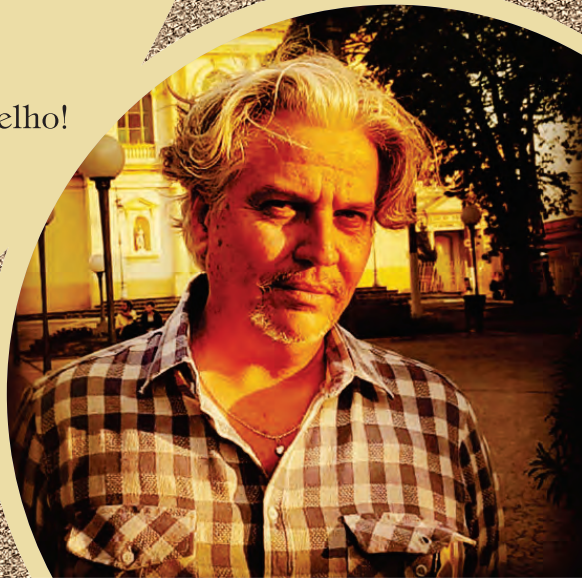
Acabo de sorrir

E concluir que o poder deste simples ato,

De fato não se pode medir, definir ou resumir

Pois não seria sensato – e sem tato, sem nexo,

Sem sustos, eu me calo e vou dormir.



Coronavírus

Eliane Diana Nunes

Não tenho como falar sobre o novo coronavírus sem falar do tempo.

Ah! Tempo!Tempo!Tempo!

Tempo do novo coronavírus.

Tempo de confinamento.

Tempo de ter tempo.

Tempo do que fazer com o tempo.

Tempo de guerra?

Mas estamos lutando contra o quê? Contra quem? Um vírus? Uma doença? De quem é essa luta? Minha? Sua? De todos? Externa? Interna?

Ah! Coronavírus! Olha que comecei a ter uma grande admiração por ti. Você causou muitas perguntas, muitas indagações, muita incerteza para nós seres mortais, estes seres que muitas vezes se acham donos de todas as respostas.

Olha, como o seu nome já diz, você “viralizou” nesse planeta chamado Terra, lembrando-nos de que foi com perguntas, incertezas e dúvidas que a humanidade se desenvolveu. Não só no sul. Norte, leste, oeste... você está por toda parte; seja no oriente, no ocidente, nas Américas, nas ilhas, nos mais remotos lugares onde exista civilização humana você está chegando. Chegando de mansinho, todo imponente para provar o quanto somos frágeis, independentemente de sexo, raça, cor, credo, classe social. E deixa bem claro o quanto somos todos finitos e iguais. Iguais nas necessidades, iguais na forma de expressar nossos sentimentos. Esse bombardeio de sentimentos que estamos vivendo agora.

Engraçado, você mata quem está com a imunidade baixa, mas quem sabe, na realidade, você veio foi para atacar a nossa “humanidade baixa”, um mal que provavelmente estamos vivendo há tempos e está na arrogância, na ignorância, no preconceito, no poder, no capitalismo selvagem, no egoísmo, no orgulho, na fome, na pobreza, na intolerância, no desamor, na desumanidade e em muitos outros males que afligem a humanidade.

A forma como você vem se comportando nos assusta, mas, como o medo teremos que conhecê-lo, respeitá-lo e sabermos lidar com a sua astúcia. Essa que você nos ensina toda hora nas entrelinhas... Dentre todos os ensinamentos, viver em confinamento social nos fez rever nossos valores, nosso modo de viver, nossas necessidades básicas, o propósito da vida, o valor da vida e o principal, que é o tempo. O tempo que põe em risco nosso tempo da vida terrestre. Esse tempo que acionou seu cronômetro quando nascemos e agora está em jogo.

Vem a pergunta: quem sobreviverá?

Sabemos que a morte vem para todos, sabemos que não vencemos ainda esse adversário de peso. Mas, não dizem que para aprendermos precisamos lutar com os fortes? E você provou que é um bom professor. Não é a primeira vez que a humanidade se depara com pandemias, mas elas sempre fizeram de nós povos mais fortes, criativos, inteligentes e inovadores. Às vezes, subestimamos nossa capacidade de resistir. É isso, resistir!!!! Precisamos resistir a você coronavírus, ao confinamento familiar e seguir em frente. Vamos vencer, e não podemos esquecer que seremos pessoas melhores a partir dessa pandemia.

O esforço para a boa convivência na nossa casa e na nossa família é apenas o exercício de como devemos conviver com o planeta terra e no planeta terra. Viver em família é uma tarefa difícil, mas não impossível. Estamos reaprendendo, adaptando e sobrevivendo. Que nesses dias de confinamentos consigamos aflorar nossa compaixão, respeito, amor, solidariedade, paz, sabedoria, disciplina e todos os sentimentos que vêm a partir desses.

Vamos ganhar essa luta, temos que ganhar juntos, sabemos que uma pequena parcela da humanidade vai morrer, infelizmente, e os motivos serão diversos. Juntos seremos mais fortes. Esse é um dos maiores propósito do existir: preocuparmos-nos com o todo, com o próximo mais próximo, com o próximo lá do norte, do sul, do leste e do oeste, pois eles, apesar de distantes, têm o mesmo direito de estar aqui como nós.

Que tudo isso nos faça valorizar o tempo do existir, um tempo que realmente seja importante, pois o tempo de reflexão é agora.



Memórias do Confinamento

Jaqueline Reis

Um dia, de repente, tudo mudou,
No semblante a tristeza daqueles que sentiram
A dor da perda de entes queridos, amigos ou desconhecidos,
Há também pessoas que se recuperaram,
A maioria cá isolada, quarentena por Coronavírus,
Um medo que tomou conta,
Uma pandemia que se espalhou mundialmente,
E se espalhou também a desinformação,
Muitas palavras trocadas ante à multidão...
Nas redes uma coisa e outra,
Por outrora, quem está em casa
Não está sozinho,
Sentimento coletivo de proteção
Para quem é mais frágil não adoecer
E assim dissipar tal contaminação...
Nestes dias que seguem, máscaras e álcool ao sair,
Foi assim que mostraram,
E tudo ficou caro, e o muito virou pouco,
E os dias seguiram, e seguiu também certa ignorância para uns
Destes sem empatia que querem se dar bem a custas dos outros

Com mercadoria adulterada ou com valores superfaturados,
Outra fita que muitos não perceberam
É o lixo gerado e sem o devido cuidado
Com descartes errados, até quando?
E assim seguem os dias,
Muitos pararam os trabalhos,
Alguns trabalhando em home office,
Para os estudantes não é férias,
Para alguns outros é só uma gripezinha...
Lavando, cozinhando, consertando,
E seguem outros dias,
Assistindo, fazendo arte, uma parcela surtando...
Sem vacina ou remédio, hospitais cheios,
Poucos leitos e poucos testes,
Como bons brasileiros seguimos com esperança,
E na coletividade, visamos a solidariedade!
Esperando a vacina, oramos,
Deus nosso destino,
Pois logo mais teremos que sair
Para a crise econômica não piorar,
Mesmo em calamidade o governo manda e desmanda,
Seguimos suas demandas...



La ROSA GITANA

Carmen Silvia Pereira

Num envolvimento de grande magia, entra Rosa em uma festa cigana.

E dança com sedução.

Enquanto dança, um rapaz se aproxima.

Neste momento, seu olhar cigano e seus gestos sensuais o envolvem profundamente!

Rosa respira fundo e pergunta:

– Quer que lhe apresente o futuro?

O rapaz: – Claro, por que não?

Rosa: – Muito bem! Dê-me a sua mão esquerda. Ah... Vejo uma estrada verdejante e longa! Mas tem que correr muito para alcançá-la antes que faça a curva amanhã, pois já estará no passado...

Rapaz: – Nossa... Fantástico! (fascinado por ela).

Rosa: – Oh! Mas o futuro está chegando... mais próximo do que possa imaginar e será encantador! Mas o presente é extraordinário!! Acaba de conhecer hoje uma nova mulher!!!!

Rapaz: – Que maravilha! Cadê? Estou sonhando?

Rosa sorri com grande sensualidade, arrastando-o para si dizendo:

– Muito bem! Vou lhe abrir os caminhos para a felicidade, siga-me!!!

Eis aqui seu futuro lançado...

Assim dançam em extrema sedução...

*Obs.: Peça de teatro com
aproximadamente 15 minutos.*



Márcia Oliveira

Fé

Nos momentos difíceis da vida
Na tristeza de uma partida
Na dor de uma despedida
Nos momentos de solidão
No vazio do coração
Fé em Deus é a solução
Fé é acreditar sem ver
Que o melhor vai acontecer
Em cada novo amanhecer!

Oração

Nos momentos de tristeza, faça uma oração
Orar acalma a alma e o coração.
Nos momentos de desespero, faça uma oração
Orar traz esperança e ilumina a escuridão.
Nos momentos que se sentir sozinha, faça uma oração
Orar traz paz e preenche o vazio da solidão.
Nos momentos de alegria, faça uma oração
Orar também é agradecer, é gratidão!



Tributo

Aos amigos.

Os amigos são luzes em nossa vida!
Se ficamos tristes,
se desmoronamos,
se nos inquietamos,
se estamos contentes,
em todos os momentos,
aflitos ou alegres,
sempre estão presentes.

Eles nos inspiram e apontam
o caminho certo,
com sábios conselhos
e sensatas opiniões.

Eles nos tocam o coração,
com palavras ternas e sublimes...

Aos amigos, prestamos tributo
de elevada estima e gratidão!

Ivanira de Souza Lima Dadalt



Memórias do Confinamento

Flavia Cunha

Estamos em confinamento devido a um vírus letal, que iniciou sua ação maléfica na China e hoje se espalhou por todo o globo.

Tenho setenta e três anos, porque nasci em 1946, o que me coloca no grupo de risco onde as consequências de se contrair a doença são as mais graves, inclusive podendo nos levar à morte.

Medidas necessárias foram baixadas pelo governo brasileiro, como o fechamento de lojas e restaurantes, além do pedido para que os idosos não saiam de casa, a não ser que tenham muita necessidade de comprar alguma coisa.

Funcionários foram afastados das empresas. Quem trabalha no mercado informal, como recolher papelão e plástico e vender alimentos nas praias, viram-se de um dia para outro sem seus compradores. Eles vivem do que ganham no dia, para levar alimento para si e suas famílias.

Tudo isso todos já sabem, porque em dias de confinamento procuramos outras ocupações dentro de casa. De repente as redes sociais tornaram-se muito importantes, os telefonemas para parentes e amigos também. E as preces rogando a Deus que proteja a população mundial e nossas famílias, ganhou espaço até entre aqueles que nem se lembravam de fazer uma oração.

A televisão nos atrai, com suas notícias sobre a luta contra o novo Covid-19, os médicos infectologistas dando orientações a todo momento, pedindo-nos para não sairmos de casa.

E foi através de um canal de televisão que eu soube que uma associação no Rio de Janeiro decidiu fazer uma campanha para socorrer os mais desvalidos e necessitados. Com o dinheiro apurado fizeram cestas básicas com feijão, arroz, sal, açúcar e dois sabonetes. Pouca coisa, para atender o maior número de necessitados possível.

Anunciaram o local onde as cestas seriam distribuídas e logo uma fila imensa de pessoas formou-se na calçada, com a esperança de conseguir uma delas. Mas em pouco tempo as cestas terminaram, e mães com crianças choravam, implorando algum alimento para seus filhos (enquanto o governo discutia um auxílio para cada trabalhador afastado ou desempregado, pelo período de três meses).

Foi nesse momento que um senhor saiu da fila para fazer um apelo ao governo. Alto, magro, extremamente magro, disse:

“Estou desempregado e não como nada desde ontem. Consegui duas marmitas que vou levar para meus filhos. Hoje fui fazer a hemodiálise em jejum, como estou até agora”.

Ele chorava, desesperado com sua situação. Fiquei profundamente emocionada com o seu depoimento e chorei também, pensando que não poderia ajudá-lo, a não ser com minhas preces, estando ele lá no Rio de Janeiro.

Desliguei a televisão e fui para a cozinha, ainda muito abalada com o sofrimento daquele homem e sua família. Enxugava as lágrimas, mas outras chegavam.

Minhas filhas perceberam que eu não estava bem e, questionada, eu quis relatar a elas a razão da minha tristeza, enquanto chorava. Elas choraram também e me abraçaram, e compartilhamos a mesma dor. Até se esqueceram de manter a distância entre nós, pelo perigo do contágio.

Até agora este foi o momento mais impactante para mim durante o confinamento. Ficará na minha memória para sempre.

Estou em correntes de preces, lendo e repassando importantes mensagens onde nos explicam a causa dessa pandemia, abordando o lado espiritual.

Entristeço-me com o sofrimento de tantos irmãos que estão deixando a Terra e alegro-me quando venho a saber que muitas pessoas estão preparando a alimentação para os moradores de rua, levando para eles a marmita pronta, para que não morram de fome.

Quem sabe é um aceno de Deus para abrir o coração dos homens que nunca se preocuparam com o sofrimento alheio.

Porque Deus não quer o sofrimento para seus filhos, mas nos deu o livre-arbítrio que nos permite tomar decisões certas ou erradas. Ser solidário ou indiferente em um momento como este.

O grito de desespero e as lágrimas daquele homem, que mesmo estando em jejum desde a véspera, guardou para os filhos as duas marmittas que conseguiu, mudaram alguma coisa em mim.

É a maior lição que tirei desse período de confinamento, em que estamos isolados e com mais tempo para refletir sobre o valor de cada vida neste planeta, que hoje está refém de um microorganismo invisível.

Aos médicos, enfermeiros, figuras públicas que estão cedendo e conseguindo espaços para instalar novas UTIS, aos locutores de rádio e apresentadores de TV que nos esclarecem diariamente, a todos que arregaçaram as mangas para atender milhares de pessoas que contraíram esta moléstia, trabalhando dia e noite para debelar essa praga, como estão dizendo, **a minha sincera homenagem.**

Essa fase vai passar. Os sobreviventes voltarão a suas rotinas.

Mas **a Terra nunca mais será a mesma.**



Não sei se era isso que faltava

Para o Grupo Letras em Atos

MÁRCIO MARTELLI



Eu achei que faltava amor...
Então, plantamos e regamos
E a cada dia ele crescia e se iluminava
Foi se tornando forte
Mas ainda não era suficiente
Pois...
Como toda mudinha de amor
Que aumenta suas raízes
Aos poucos descobrimos
Que era preciso expandir esse sentimento
E para tanto
Chamamos outras fontes
Para inspirar e reconstruir conosco
Esse pequeno instrumento de paz
Que foi amadurecendo
Emancipando-se de mim
De nós...
Indo para o mundo
Pois acreditamos que levará
O que oferecemos -
Pensamentos profundos
A verdade de cada um de nós

Alegria e esperança
Um pouco em excesso até
Mas era o que tínhamos a ofertar
Era o que eu pensava
Era o que pensávamos
E é a única certeza que temos
E vai além de nós
Além de tudo o que nos cerca
Tem força, tem poder
Tem alma - principalmente
E é essa união que fará a diferença
Porque juntos podemos
Poderemos
E seremos -
A voz que traz
A esperança
Para um dia melhor!



Posfácio

[...] Traduzir uma parte
na outra parte
– que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?

Ferreira Gullar

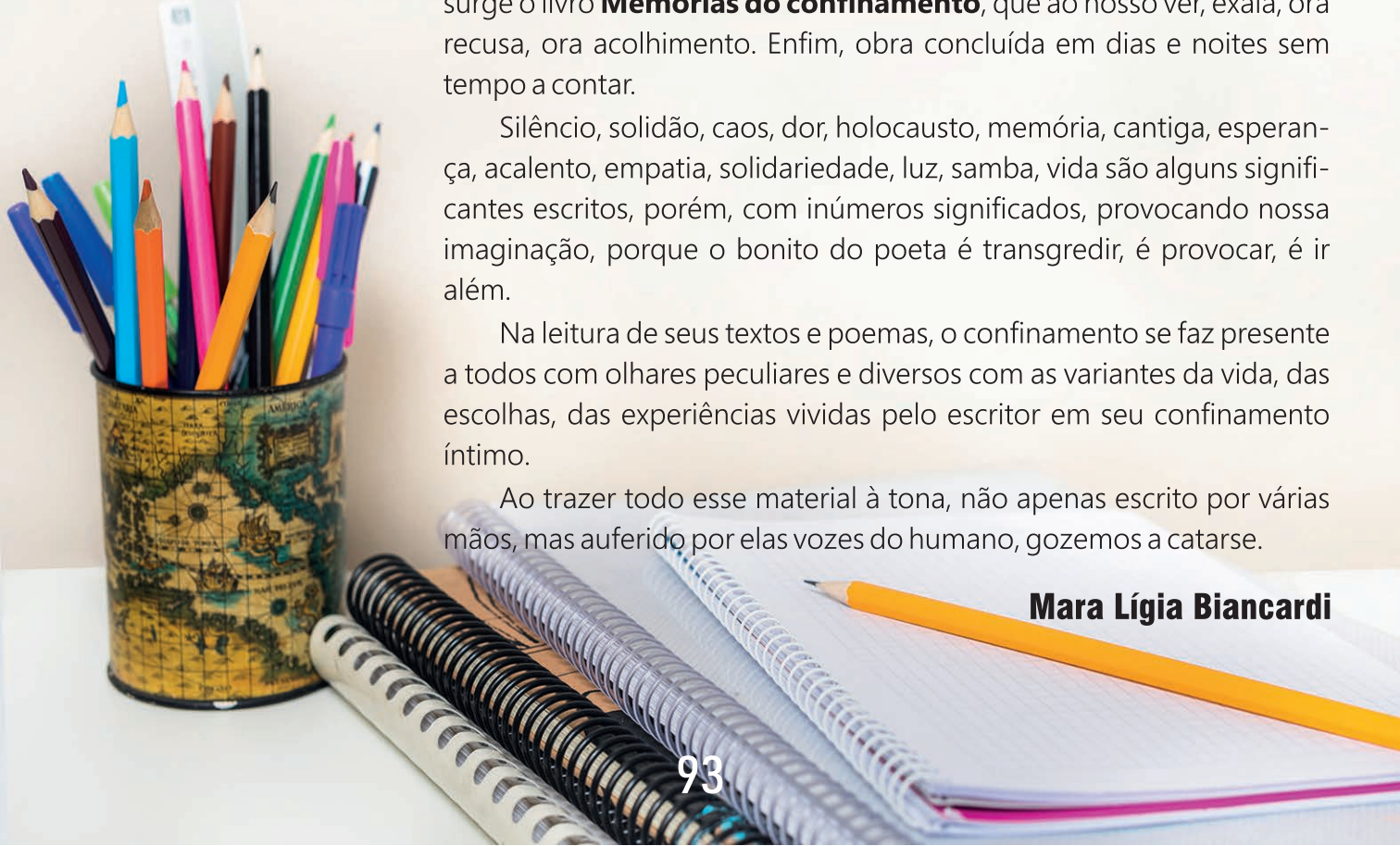
Com o intuito de levar pelas Letras a reflexão e o movimento de pensamentos, sensações e sentimentos, o grupo **Letras em Atos** decide colocar mãos em obra. Unindo-se com outros parceiros das Letras, surge o livro **Memórias do confinamento**, que ao nosso ver, exala, ora recusa, ora acolhimento. Enfim, obra concluída em dias e noites sem tempo a contar.

Silêncio, solidão, caos, dor, holocausto, memória, cantiga, esperança, acalento, empatia, solidariedade, luz, samba, vida são alguns significantes escritos, porém, com inúmeros significados, provocando nossa imaginação, porque o bonito do poeta é transgredir, é provocar, é ir além.

Na leitura de seus textos e poemas, o confinamento se faz presente a todos com olhares peculiares e diversos com as variantes da vida, das escolhas, das experiências vividas pelo escritor em seu confinamento íntimo.

Ao trazer todo esse material à tona, não apenas escrito por várias mãos, mas auferido por elas vozes do humano, gozemos a catarse.

Mara Lígia Biancardi



Elaboração da ficha catalográfica

Gildenir Carolino Santos
(Bibliotecário)

Editor responsável

Márcio Martelli

Revisão gramatical

Grupo Letras em Atos

Editoração e acabamento

Editora In House

Projeto gráfico

Márcio Martelli

Ilustrações e Fotos

Design by Freepik.com
Arquivos pessoais

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada por
Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

M519 Memórias do confinamento / Ana Cláudia Rêgo...[et al.]
(organização). – Jundiaí, SP: Ed. In House, 2020.
95 p. : il.

ISBN: 978-65-

1. Poesia brasileira. 2. Crônicas brasileiras. 3. Literatura brasileira. I. Rêgo, Ana Cláudia (org.). II. De Cezare, José Felício Ribeiro (org.). III. Franco, Josyanne Rita de Arruda (org.). IV. Biancardi, Maria Lígia (org.). V. Martelli, Márcio (org.). VI. Iacovino, Renata (org.). VII. Título.

20-011

20ª CDD – B869.15

Impresso no Brasil
1ª edição – abril – 2020
ISBN: 978-65-

Todos os direitos desta publicação estão reservados à Editora In House e ao Grupo Letras em Atos, que detêm os direitos autorais da obra para a Língua Portuguesa.

Os autores dos trabalhos são responsáveis pelo conteúdo e ideias expressas na obra, bem como pela revisão do texto produzido.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização por escrito do editor ou do autor.

Jundiaí, SP, abril de 2020.



*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.*

RICARDO REIS

HETERÔNIMO DE FERNANDO PESSOA

letras
em atos